

Ficção científica brasileira: um gênero invisível

letrônica

Daniel Iturvides Dutra¹**Introdução**

A Revolução Científica e a Revolução Industrial que ocorreram entre o século XVII e o século XIX, respectivamente, provocaram uma mudança sem precedentes na história da humanidade. O homem passou aos poucos a abandonar sua visão teocêntrica e mística do mundo para começar a estudar e entender os eventos que ocorriam a sua volta como fenômenos naturais, e não mais como produtos místicos vindos de alguma vontade divina superior. A ciência, ou mais especificamente, o método científico, passou a ser o instrumento usado para dissecar e analisar a realidade². Na esteira do método científico grandes descobertas e invenções foram sendo feitas, descobertas e invenções que mudaram não só a forma do homem ver o mundo, mas a própria organização da sociedade, pois a ciência, junto com seus avanços e progressos tecnológicos, não só começou a explicar o funcionamento da natureza (trovões não são mais a ira de deuses, e sim o resultado de um conjunto de descargas elétricas) como

¹ Daniel Iturvides Dutra, mestrando em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente integra o projeto de pesquisa *Iluminação recíproca entre as artes: Texto e imagem* sob a orientação do prof. Dr. Michael Korfmann. E-mail: DanielDutra316@gmail.com

² O método científico foi fortemente influenciado pelo método analítico de René Descartes (1596 – 1650). O método cartesiano consiste em subdividir qualquer objeto a seus elementos mínimos e a partir desse ponto estudar suas relações. Esse método começou a ser questionado pelas ciências humanas por desconsiderar o fato de que as características de um objeto em muitos casos vão além da soma de suas partes constituintes. Se por um lado o método científico ajuda a compreender a realidade a partir de um determinado recorte, por outro lado essa postura também pode levar a um cientificismo prejudicial ao conhecimento, pois ignora diversos outros aspectos da realidade. Um exemplo de cientificismo são as tentativas de explicar todas as ações humanas a partir da biologia. O ser humano é muito mais do que um organismo vivo.

também criou tecnologias que alterou todo o modo de produção e conseqüentes relações sociais (máquinas industriais substituíram o trabalho artesanal gerando uma nova classe, o proletariado, que passou a negociar sua mão de obra).

É dentro desse contexto de transformações que surge, na Europa do século XIX, o gênero literário que ficou conhecido posteriormente como ficção-científica – o termo foi cunhado pelo americano Hugo Gernsback, editor da revista *Amazing Stories* e escritor do gênero, nos anos 20. Seus dois principais expoentes no século XIX foram o francês Julio Verne e o britânico H.G. Wells. Estes dois autores fundaram a base para a ficção-científica que se seguiu no século seguinte. Raul Fiker dá uma breve retrospectiva da história do gênero:

A história da FC [ficção-científica] é curta e suas fases se sucedem rapidamente. Durante os anos, apesar do elã positivista de Gernsback, o gênero está misturado ao fantástico: é a época de H.P. Lovecraft e da *space opera*. Nos anos 30, a FC propriamente dita vai se estabelecendo lenta mas firmemente; em 38 já há cinco revistas americanas especializadas, em 39, treze, e em 41, vinte e duas. Nos anos 40 a FC já tem as características pelas quais a conhecemos hoje. (1985, p. 73)

A observação de Fiker sobre o positivismo de Gernsback diz respeito a visão otimista do autor em relação a ciência como resposta aos problemas da humanidade, abordagem típica do subgênero de ficção-científica que ficou conhecido como *space opera*. Essa visão era muito corriqueira nas narrativas de ficção-científica produzidas entre os anos 20 e 30. Porém, como todo gênero literário, a ficção-científica está em constante transformação e entre os anos 40 e 50 e, principalmente, nos anos 60, não tardou para surgir autores de proposta mais subversiva e questionadora, como Philip K. Dick e Ursula K. Le Guin³, abordando temas polêmicos como drogas, sexo e o uso da tecnologia como instrumento de manipulação das massas e controle social. Este último tema foi abordado com maior firmeza pelos escritores da década de 80 no subgênero de ficção-científica conhecido como *cyberpunk*⁴. A ficção-científica é um gênero essencialmente originado de países expoentes no processo de revolução industrial, países que mais sentiram as transformações provocadas pela ciência e tecnologia em sua

³ Citamos como exemplo as obras *VazioInfinito* (1974), de Philip K. Dick e *A Mão Esquerda da Escuridão* (1969), de Ursula K. Le Guin.

⁴ O gênero *cyberpunk* consiste, via de regra, em histórias passadas num futuro dominado por megacorporações e alta tecnologia. Nesse cenário o protagonista é um anti-herói que vive a margem da lei e usa seus conhecimentos de informática como meio de sobrevivência. Sexo, drogas, dificuldade de distinguir realidade de fantasia, relação entre o homem e a máquina e niilismo são alguns temas recorrentes do gênero.

sociedade. Em um primeiro momento, a ficção-científica germinou no século XIX em países como Inglaterra e França e, em um segundo momento, nos Estados Unidos do século XX, país onde a crescente indústria de entretenimento proporcionou um terreno fértil para a ficção-científica desenvolver-se. Portanto, nada mais natural que a ficção-científica tenha se desenvolvido nos países citados, pois a literatura também é fruto das condições históricas da sociedade. A partir desse breve histórico da ficção-científica, vamos abordar como se deu a história desse gênero literário no Brasil, além de dissertar sobre as causas da marginalização de obras do gênero produzidas no Brasil pelo cânone oficial.

A trajetória da ficção-científica no Brasil

O gênero ficção-científica no Brasil começa a aparecer de forma esporádica já entre o final do século XIX e o início do século XX, autores como Machado de Assis e Augusto Emílio Zaluar já se exercitavam no gênero, com os contos “O Imortal” (1882) e o romance *O Doutor Benignus* (1875), respectivamente. Em 1922, Rodolfo Teófilo publicava *O Reino de Kiato: No País da Verdade* e, em 1926, Monteiro Lobato lançava o romance *O Presidente Negro*. Entre outros exemplos que podem ser citados estão *A liga dos planetas* (1923), de Albino José Ferreira, *A Amazônia Misteriosa* (1925), de Gastão Cruls e *A República 3000* (1930), de Menotti Del Picchia.

Esses exemplos mostram que já havia uma certa produção, apesar de esporádica, de literatura de ficção-científica no Brasil. Porém, o gênero apenas começou a ganhar maior visibilidade no país graças aos esforços de Jerônimo Monteiro.

Foi com o paulista Jerônimo Monteiro (1908-1970) que a “ficção científica brasileira” passou a existir como universo literário à parte da literatura, criando regras e métodos próprios, além de formar um público específico. Em 1947, Monteiro publicou, “*Três Meses no Século 81*” e, em 1948, “*A Cidade Perdida*”. Antes disso, até o final da década de 30, não existia no Brasil um movimento literário em prol da ficção científica envolvendo escritores e leitores. Antes haviam surgido alguns textos casuais de autores da literatura, como: Gastão Cruls, Menotti del Picchia, Érico Veríssimo, Adazira Bittencourt e Monteiro Lobato. Mas ainda não havia uma tradição literária em ficção científica. Eram apenas ambientados em universos remotos habitados por seres fantásticos além, é claro, de ambientes utópicos e de aventuras. Jerônimo Monteiro travava uma batalha em várias frentes da literatura popular: seriados para rádios, novelas policiais e histórias infantis. Em 1964, fundou a *Sociedade Brasileira de Ficção Científica*, e nos últimos anos de sua vida foi editor do *Magazine de Ficção Científica* (edição brasileira da conceituada revista estadunidense *The Magazine of Fantasy and Science Fiction*). Seu primeiro sucesso foi *Aventura de Dick Peter*, uma série de livros baseados em um dos seus seriados de rádio. A partir de 1947, Monteiro

publicou uma série de romances de FC, editou uma antologia: (*O Conto Fantástico*, Civilização Brasileira, 1959) e manteve por muito tempo uma coluna crítica sobre ficção-científica no jornal *A Tribuna*, de Santos (SP) (BOURQUIGNON, 2009).

Seguido de Jeronymo Monteiro, surge nos anos 60 e 70 um novo movimento de ficção científica brasileira. Este movimento ficou conhecido como “primeira onda” ou “Geração GRD”. A sigla GRD vêm das primeiras letras do nome do editor baiano Gumercindo Rocha Dorea. O editor foi responsável tanto pela divulgação de nomes de autores de ficção-científica estrangeiros consagrados (Robert A. Heinlein, Ray Bradbury, Walter M. Miller Jr., Fredric Brown, entre outros) como pela divulgação de trabalhos de autores brasileiros. Dorea passou a publicar autores que já tinham certa experiência no gênero, como Rubens Teixeira Scavone, autor de *O Homem Que Viu O Disco Voador* (1960) e o já citado Jerônimo Monteiro, além de também publicar trabalhos de autores já consagrados na literatura *mainstream* brasileira que desejassem se aventurar no gênero ficção-científica e, principalmente, dar a primeira chance a autores brasileiros iniciantes.

Sua atuação mais importante foi certamente a publicação dos brasileiros. Em início de 1960, Dorea lançou a coletânea *Eles Herdarão a Terra*, de Dinah Silveira de Queiroz e, no mesmo ano, a *Antologia Brasileira de Ficção Científica*, a primeira antologia de FC com histórias brasileiras - editada por ele com histórias de André Carneiro, Antonio Olinto, Clóvis Garcia, Dinah Silveira de Queiroz, Fausto Cunha, Jerônimo Monteiro, Lúcia Benedetti, Rubens Teixeira Scavone e Zora Seljan.

A estratégia era agrupar autores que já tivessem um compromisso com o gênero (Monteiro, Scavone), e convidar figuras literárias estabelecidas (Queiroz, Olinto, etc.) e autores iniciantes no gênero (Carneiro, Cunha, etc.) a escrever FC como experimento.

Dorea deu prosseguimento ao seu esforço editorial de promoção da FC ainda em 1960, com a coletânea de Fausto Cunha, *As Noites Marcianas*, e em 1961, com outra antologia, *Histórias do Acontecerá*, com Álvaro Malheiros, Carneiro, Olinto, Garcia, Queiroz, Leon Eliachar, Rachel de Queiroz, Ruy Jungman e Seljan. Também publicaram livros com Dorea Guido Wilmar Sassi, Scavone, Monteiro, e Levy Menezes (CAUSO, 2009).

Os principais nomes revelados por Dorea foram os escritores André Carneiro e Bráulio Tavares. Tavares ganhou em Portugal o Prêmio Caminho de Ficção-Científica em 1989, com sua coletânea de contos *A Espinha Dorsal da Memória* (1989). André Carneiro hoje é membro da *Science Fiction & Fantasy Writers of America*, organização norte-americana que reúne os melhores escritores de ficção-científica internacionais, e teve contos e romances publicados em mais de 10 países. Um conto do autor foi publicado em 1973 na *The Definitive Year's Best Selection*, uma antologia dos melhores contos de ficção-científica do mundo, organizada pela editora norte-americana Putnam,

onde André Carneiro é apresentado como um dos grandes autores do gênero. Seguido da editora de Dorea,

[...] era a vez de a [editora] Edart se lançar também nesse campo, com a publicação de *Mil sombras da Nova lua*, de Nilson Martello, *Diário da nave perdida*, de André Carneiro, *Visitantes de espaço*, de Jerônimo Monteiro e de uma antologia, *Além do tempo e do espaço*, onde aparece entre outros, o poeta Domingos Carvalho da Silva, que, em 1966, nos daria *A véspera dos mortos*, surpreendente coletânea de histórias com forte apelo ao fantástico (CUNHA, 1985, p. 11).

No final dos anos 70 e início dos anos 80 teria início ao que ficou conhecido “segunda onda de ficção-científica” no Brasil. Na década de 80 surgem uma série de *fanzines* – publicações amadoras editadas por fãs do gênero – dedicados a publicação tanto de contos de autores brasileiros como de estrangeiros e demais matérias, artigos e resenhas relacionadas à ficção-científica. Entre essas publicações destacaram-se o *Boletim Antares* e o *Hiperespaço*. Ainda na década de 80, o jornalista Jorge Luiz Calife conquista fama internacional ao publicar na Revista Manchete o conto “2002” (1983), uma continuação do famoso livro de Arthur C. Clarke *2001: Uma Odisséia no Espaço* (1968). Clarke teve conhecimento disso, e impressionado pela qualidade do conto de Calife, se sentiu inspirado a escrever uma continuação oficial de sua obra, o romance *2010: Uma Odisséia no Espaço II* (1984). Na introdução do livro, Clarke agradece a Calife.

Calife lançou uma trilogia própria de romances. *Padrões de Contato* foi o primeiro, e teve resenhas positivas em revistas como *Veja*, *Isto É*, e *Época* (PEREIRA, 2005), além de grande aceitação dentro do recém-formado *fandom* brasileiro dos anos 80. *Fandom* é um termo cunhado nos Estados Unidos para designar leitores de ficção-científica que, entre outras atividades, publicam *fanzines*, escrevem contos e romances, trocam correspondências entre si e promovem encontros para debater e celebrar sua paixão por ficção-científica. Foi do *fandom* que nasceu o *Clube de Leitores de Ficção-Científica* (CLFC), organização que promove reuniões mensais para seus cerca de quinhentos sócios em São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, além de editar e enviar pelos correios seu *fanzine* oficial, o *Somnium*. Na década de 90, é lançada a revista *Isaac Asimov Magazine*. Publicada pela Editora Record e distribuída em todo o país, a revista era direcionada para leitores de ficção-científica. Seu conteúdo incluía desde contos de autores brasileiros e estrangeiros a uma série de matérias, entrevistas e artigos sobre o gênero. Apesar da vida curta (apenas 25 edições), a *Isaac Asimov*

Magazine foi importante por revelar nomes como Gerson Lodi-Ribeiro, que, junto com Monteiro, Tavares e outros nomes, posteriormente se tornou referência obrigatória dentro do cenário brasileiro de ficção-científica. O avanço da Internet em meados dos anos 90 deu mais força ao *fandom* brasileiro. Hoje podemos encontrar uma série de blogs e sites brasileiros dedicados ao tema, sejam artigos, resenhas, ou contos brasileiros do gênero. Fora do mundo virtual, tivemos em tempos recentes a publicação dos romances *Síndrome de Quimera* (2000), de Max Mallmann, *A Mão que Cria* (2006), de Octávio Aragão, o livro de contos *Fábulas do Tempo e da Eternidade* (2009), de Cristina Lasaitis e a antologia de contos *Outras Copas, Outros Mundos* (1998), apenas para citarmos alguns exemplos. Podemos deferir o seguinte sobre essa breve retrospectiva da história da ficção-científica brasileira: a produção de literatura de ficção-científica no Brasil não se trata de um mero fenômeno esporádico, e sim de um gênero que vêm sendo cultivado continuamente no Brasil desde o século XIX. Uma prova disso é o interesse de pesquisadores estrangeiros, como os americanos M. Elizabeth Ginway, autora do livro *Ficção-Científica Brasileira: Mitos Culturais e Nacionalidade no País do Futuro* (2004) e David Lincoln Dunbar, autor da tese *Unique Motifs in Brazilian Science Fiction* (1976).

Além disso, temos uma série de trabalhos de pesquisadores brasileiros dedicados ao estudo da ficção-científica nacional. Entre eles, destacamos as obras *Quem é Quem na Ficção-Científica Volume I: Catálogo de Ficção-Científica em Língua Portuguesa: 1921-1993* (1994), de R. C. Nascimento, *Índice de Contos de Ficção-Científica e Fantásticos em Língua Portuguesa* (1999), de Ruby Felisbino Medeiros, *Ficção-Científica, Fantasia e Horror no Brasil: 1875 a 1950* (2003), de Roberto de Sousa Causo e *Viagem às Letras do Futuro: Extratos de Bordo da Ficção-Científica Brasileira: 1947-1975* (2002), de Francisco Alberto Skorupa.

Sendo assim, temos o seguinte questionamento: porque a ficção-científica brasileira não faz parte do cânone nacional? Quais as razões da marginalização do gênero no Brasil? E como as teorias do cânone nos ajudam a compreender esse fenômeno?

Ficção-científica brasileira e o cânone

A construção de um cânone nacional está intimamente ligado a interesses ideológicos e políticos. O cânone visa construir uma identidade nacional, porém, essa

identidade nacional é determinada segundo os critérios de grupos em posição de poder. Em *Conhecimento e Compromisso* (2006), Douwe Fokkema e Elrud Ibsch fazem um detalhado estudo sobre os elementos determinantes da formação de um cânone. A conclusão dos autores é que de a formação de um cânone passa por um processo duplo. Se em um primeiro momento o cânone é definido a partir do jogo de interesses ideológicos, este mesmo cânone está fadado a sofrer severas alterações na medida em que os interesses ideológicos mudam, e novos grupos entram no jogo de poder.

É a partir de abordagem semelhante que Fabiana Pereira explica as razões da marginalização da ficção-científica pelo cânone nacional. A autora comenta:

Ao contrário dos demais países da América Latina, nos quais, por exemplo, o realismo mágico teve uma importância central, a cultura brasileira privilegiou as expressões estritamente realistas. Em segundo lugar, este cânone biparte-se entre a vertente erudita – de origens acentuadamente européias e, mais tarde, norte-americanas, forças que legitimizam nossas elites no nível nacional e internacional – e a folclórica, ou popular – cujas obras encarnam os mitos da nacionalidade e são selecionadas para canonização pelas mesmas elites eruditas, tornando-se um capital simbólico através do qual o intelectual periférico se diferencia, positivamente, de seus pares de Primeiro Mundo. Nesta dinâmica ideológica, só aparentemente o cânone brasileiro divide-se em dois pólos, posto que há uma mesma diretiva sócio-política para coordenar a legitimação cultural.

Isso explica o porquê das formas erudita e popular amiúde se entrecruzarem. A análise deste dualismo torna explícita a operacionalidade ideológica da tradição canônica e a intencionalidade de classe contida na escolha de representações, ou seja, na política de formulação dos imaginários apropriados para a cultura nacional. Neste contexto, a literatura de massa de origens estrangeiras, e com ela a ficção científica, simplesmente não se encaixa no equilíbrio simbólico das importações culturais. Não é suficientemente erudita, nem enraizada no solo popular mestiço, dois aspectos institucionalmente valorizados como características genuínas da cultura nacional (2005, p. 114-115).

Dito de outra forma, a elite cultural brasileira busca uma identidade nacional por meio de uma combinação da tradição erudita européia (calçada na estética realista) com a cultura popular brasileira (o carnaval, a música negra e nordestina, o cordel, etc.), pois é dessa combinação que a elite cultural mostra que está no mesmo “nível” de qualidade de seu principal referencial, a alta literatura européia, e que possui um diferencial em relação à mesma, esse diferencial seria a exploração de temas da cultura popular. Sendo assim, a ficção-científica termina por não se encaixar nesse projeto da elite cultural, pois trata-se de um gênero intimamente ligado à cultura de massa e a indústria de entretenimento, e cuja temática fantástica foge completamente do ideal de estética realista da literatura brasileira.

Vista bem de cima, a uma altura panorâmica, a literatura brasileira se mostra efetivamente como um conjunto de livros dominado por uma vontade de realidade, de um lado, e pelo menosprezo, talvez mesmo pela recusa, a relatos imaginativos, fantasiosos. [...] Quem sabe estamos num ambiente marcado por aquele realismo chão e tosco dos colonizadores (FISCHER, 2007, p. 16).

Se visto bem de cima parece haver um menosprezo por temáticas fantásticas, a análise detalhada da história do gênero ficção-científica no Brasil mostra todo um discurso literário excluído pelo cânone oficial, ou mais especificamente, pelos princípios ideológicos do cânone oficial, cujos parâmetros do que seria uma literatura nacional não permitem espaço para a ficção-científica. Portanto, dada a luz a esses fatos cabe a pergunta: é necessária uma revisão do cânone? Segundo Fokkema e Ibsch, a resposta é sim.

Na discordância com o padrão da época, os leitores podem encontrar a distância necessária para a reflexão e a evolução. A vida cultural depende da distinção das várias opções de comportamento, da seleção das mais atraentes, e da defesa das mesmas com argumentos persuasivos. Vários autores enfatizaram que um cânone da literatura pode servir de contraste com os valores predominantes. Nós concordamos com essa visão e sugerimos que o cânone escolar devesse se voltar aos contrastes entre os valores, “ensinando o conflito”, como Graff (1992) sugeriu, e polêmicas tais como aquelas entre os realistas e os românticos, as vanguardas políticas e artísticas, modernistas e pós-modernistas, tradições orientais e ocidentais, cultura e contracultura hegemônica (incluindo foco no gênero), as visões coloniais e pós-coloniais e islâmicas, interpretações cristãs, confuciana e humanística. Isso não ajudaria somente ao estudante a articular a sua própria posição, mas também mostraria a instabilidade dos modelos de comportamento e percepção, e a esclarecer a sucessão (ou coexistência) dos sistemas culturais. (2006, p. 72).

Conclusão

O fato de haver uma ficção-científica brasileira existindo à margem dos padrões do cânone nacional mostra que há uma discordância entre o referencial do cânone oficializado e o referencial do público. Vivemos numa época onde o público é afetado cada vez mais pelos problemas e transformações provocadas pela tecnologia e a informação – temas obrigatórios de qualquer ficção-científica de boa qualidade. Sendo assim, o público cada vez menos se identifica com os padrões canônicos institucionalizados pela elite cultural brasileira. Sobre a primeira assertiva Bráulio Tavares comenta:

Fala-se às vezes que o impasse da ficção-científica no Brasil seria a obrigação tácita de se usar idéias científicas importadas, uma vez que a “ciência nacional” ainda é incipiente. Em primeiro lugar não me parece que exista uma ciência “brasileira”, “européia” ou “americana” [...]: existe a Ciência que, encarada como sistema de idéias, pertence à humanidade como um todo. É uma disposição particular do espírito diante das coisas do mundo, e não uma porção

de instrumentos piscando, pranchetas e tubos de ensaio; no seu sentido mais amplo ela é uma só – e é tão americana e russa quanto esquimó ou paulista (1985, p. 81).

Sendo assim a ciência é uma só e ela afeta a todos os seres humanos e é aplicada em todas as partes do mundo. Mário da Silva Brito observa:

A ficção-científica, muito embora trate de mundos desconhecidos, de universos vagamente pressentidos, de objetos não identificados, de robots e monstros, de fenômenos estranhos, de extraterrenos ou potências invisíveis, de naves estapafúrdias, de galáxias, de civilizações e culturas de outros planetas, é, em vez de escapista, vincadamente humana, e dá a dimensão da perplexidade do homem hora histórica em que vive. Pertence ,como conseqüência, a uma mundo que, pela exacerbação do conhecimento, derogou as que conquistara com o auxílio da própria ciência. (1969, p. 188)

Portanto, nada mais natural que o Brasil, como qualquer outro país, produza literatura de ficção-científica, e que este gênero funcione como uma forma representativa da perplexidade do homem perante o mundo moderno. Tal fenômeno – a literatura de ficção-científica como mediador simbólico entre a angústia do homem moderno e o mundo tecnológico – também foi devidamente analisado por Muniz Sodré em seu livro *A Ficção do Tempo: Análise da Narrativa de Ficção-Científica* (1973). Vale ressaltar também que a ficção-científica brasileira não se trata de um mero pastiche sem méritos próprios da ficção-científica estrangeira. Os já citados autores André Carneiro, Bráulio Tavares, Jorge Luis Calife e suas trajetórias bem-sucedidas são provas do contrário. Portanto, se faz necessário repensar o cânone não apenas pela questão de dar o devido reconhecimento a um gênero (que, embora seja produzido no país há mais de um século, continua na invisibilidade), mas principalmente para reavaliar e refletir sobre a construção da própria identidade nacional brasileira.

Referências

ARAGÃO, Octávio. *A mão que Cria*. São Paulo: editora Mercuryo, 2006.

ASSIS, Machado de. *O Imortal*. In: *Obra completa*, Machado de Assis, vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

BOURQUIGNON, Marco A.M. *Um Pequeno Resgate da História da Ficção-Científica Brasileira*.

Disponível em: <http://www.scarium.com.br/noficcao/hfc.html>. Acesso em: 25 de março de 2009.

BRANCO, Marcello Simão (org). *Outros Mundos, Outras Copas*. São Paulo: Ano Luz, 1998.

BRITO, Mário da Silva. *Ângulo e Horizonte: de Oswald de Andrade à Ficção-Científica*. São Paulo: Martins, 1969.

CAUSO, Roberto de Sousa. *Ficção-Científica, Fantasia e Horror no Brasil: 1875 a 1950*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CAUSO, Roberto de Sousa. *A Primeira Onda de Ficção-Científica Brasileira*. Disponível em: <http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI1100112-EI6622,00.html>. Acesso em: 25 de março de 2009.

COUTINHO, Albino José. *A Liga dos Planetas*. São Paulo: Livraria Americana, 2006.

CRULS, Gastão. *A Amazônia Misteriosa*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

CUNHA, Fausto. *Ficção-Científica no Brasil*. In: ALLEN, L. David. *No Mundo da Ficção-Científica*. São Paulo: Summus, 1985.

DUNBAR, David Lincoln. *Unique Motifs in Brazilian Science Fiction*. Tese de doutorado (Department of Romance Languages da Arizona State University), 1976.

FISCHER, Luís Augusto. *Literatura Brasileira: Modos de Usar*. Porto Alegre: L&PM Pocket Book, 2007.

FIKER, Raul. *Ficção-Científica: Ficção, Ciência ou uma Épica da Época?* Porto Alegre: L&PM Pocket Book, 1985.

FOKKEMA, Douwe. IBSCH, Elrud. *Conhecimento e Compromisso*. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

GINWAY, M. Elizabeth. *Ficção-Científica Brasileira: Mitos Culturais e Nacionalidade no País do Futuro*. São Paulo: Devir Livraria, 2004.

LASAITIS, Cristina. *Fábulas do Tempo e da Eternidade*. São Paulo: Tarja, 2009.

LOBATO, Monteiro. *O Presidente Negro*. Rio de Janeiro: Globo, 2008.

MALLMANN, Max. *Síndrome de Quimera*. São Paulo: Rocco, 2000.

MEDEIROS, Ruby Felisbino. *Índice de Contos de Ficção-Científica e Fantásticos em Língua Portuguesa*. Porto Alegre: Edição do Autor, 1999.

NASCIMENTO, R. C.. *Quem é Quem na Ficção-Científica Volume I: A Coleção Argonauta*. São Paulo: Edição do Autor, 1985.

OTERO, Léo Godoy. *Introdução a uma História da Ficção-Científica*. São Paulo: Nova Lua Editora, 1987.

PEREIRA, Fabiana Câmara Gonçalves. *Fantástica Margem. A Ficção-Científica e o Cânone Brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Letras - Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro), Rio de Janeiro. 2004.

PICCHIA, Menotti Del. *A República 3000*. São Paulo: Cia. Editora. Nacional, 1930.

SODRÉ, Muniz. *A Ficção do Tempo: Análise da Narrativa de Science Fiction*. Petrópolis: Vozes, 1973.

SKORUPA, Francisco Alberto. *Viagem às Letras do Futuro: Extratos de Bordo da Ficção-Científica Brasileira: 1947-1975*. Curitiba: As Quatro Ventos, 2002.

TAVARES, Bráulio. *A Espinha Dorsal da Memória*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

TAVARES, Bráulio. *O que é Ficção-Científica*. São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1985.

TEÓFILO, Rodolfo. *O Reino de Kiato*. São Paulo: Monteiro Lobato, 1922.

ZALUAR, Augusto Emílio. *O Doutor Benignus*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

Recebido em: 28/03/2009

Aceito em: 18/11/2009

Contato: DanielDutra316@gmail.com